

de fiscalização de maus-tratos (283), e atendimento de animais em vulnerabilidade para realização de eutanásias e avaliações clínicas (209 animais). Além disso, os municípios contavam com o apoio da Unidade Móvel de Esterilização e Educação em Saúde (Umees) da UFPR, que realizou cerca de 500 castrações. Na Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba foram acompanhadas as atividades desenvolvidas pelo distrito sanitário, principalmente a vigilância sanitária, que foi o procedimento predominante, caracterizada pelas inspeções para obter se a concessão de licença sanitária para os estabelecimentos comerciais de interesse a saúde. No Hospital Veterinário da UFPR (HV-UFPR) foram realizadas as atividades inerentes à Medicina de Abrigos. O fato se deu devido aos frequentes abandonos de cães nas instalações do HV, demandando práticas de manejo etológico, manejo sanitário e encaminhamento para adoção. Além disso, os residentes também eram consultados por médicos-veterinários de outras áreas em atividade no HV acerca de casos suspeitos de maus-tratos e possíveis encaminhamentos. A conclusão obtida foi que a MVC é uma especialidade da Medicina Veterinária que propicia a realização de práticas em parceria com profissionais de outras áreas, visando o tratamento de temas urgentes de interesse público relacionados à Saúde Única.

05 1º JORNADA ACADÊMICA DE SAÚDE ÚNICA NO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO, BRASIL

NASCIMENTO JÚNIOR, J. A.¹; SANTOS, R. C.¹; OLIVEIRA, A. S.¹; BATISTA, A. I.¹; COELHO, R. D. F.¹; PILLISSANI, K.¹

¹ Docentes de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf).

E-mail: jalves.jr@univasf.edu.br.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta que 75% das doenças emergentes ou reemergentes do último século são zoonoses dado que causam muita preocupação e ressaltam a interconectividade da interação existente entre as saúdes animal, humana e ambiental. Em 2008, a OMS, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e a Organização Mundial de Sanidade Animal (OIE) elaboraram um manual que disseminava o conceito de “um mundo, uma só saúde” que propiciou o reconhecimento de que só poderá existir saúde, no seu significado mais complexo, se houver um equilíbrio saudável entre as saúdes animal, humana e ambiental. Nessa perspectiva, foi realizada no dia 20 de agosto de 2016, em Petrolina/PE, a 1ª Jornada Acadêmica em Saúde Única (*One Health*) no Vale do São Francisco, como parte do projeto de extensão

“Capacitação continuada em Saúde Única” desenvolvida por alunos do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). A Jornada teve o objetivo de discutir e disseminar o conceito de Saúde Única, estimulando o poder de multiplicação que os participantes do evento têm nas suas áreas de atuação. Os organizadores do evento foram os quatro discentes responsáveis pelo projeto de extensão com ajuda do professor e orientador do Grupo de Estudos em Saúde Pública Veterinária da Univasf, na qual foi idealizado o Projeto, contando com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e do Programa de Ações em Saúde Ambiental e Humana. O evento contou com a presença dos Agentes Comunitários de Saúde e de Endemias que participaram da primeira fase do projeto, discentes e docentes da Univasf, entre outros profissionais. No total foram 126 inscritos, incluindo três estudantes da Universidade de Pernambuco do curso de Fisioterapia; um estudante da Universidade Federal da Bahia; seis profissionais de saúde vinculados à V e VIII Gerência Regional de Saúde de Pernambuco e à Secretária de Saúde de Juazeiro/BA; e 116 alunos da Univasf dos cursos de Medicina Veterinária, Farmácia, Ciências Biológicas, Medicina, Engenharia Agrônômica, Zootecnia, Enfermagem, e Ciências Sociais. A programação contou com uma cerimônia de abertura e quatro palestras, sendo elas: “Saúde Única (*One Health*)”; “Riscos ambientais: a saúde sob o contexto da Saúde Única”; “Contaminantes alimentares: uma visão da Saúde Única”; e “Saúde Única e a ação matricial do NASF”. A divulgação do evento foi realizada por cinco sites e blogs mais acessados na região do vale do São Francisco e nas redes sociais. A 1ª Jornada Acadêmica de Saúde Única no Vale do São Francisco contribuiu para a disseminação do conceito de Saúde Única entre estudantes e profissionais da saúde, tanto que inspirou a realização de novos eventos e ações que enfatizem a Saúde Única.

06 REEMERGÊNCIA DA DOENÇA DE CHAGAS AGUDA NO BRASIL

ARCEBISPO, T. L. M.¹; ANDRADE, F. M. P.¹; OLIVEIRA, T. M.¹; BEGALLI, J. H.¹; MOL, L. P.²; SILVA, M. X.³

¹ Mestre em Ciência Animal da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: arcebispotlm@gmail.com.

² Mestranda em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

³ Docente e doutor em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

A Doença de Chagas (DC) é uma antropozoonose de origem silvestre em que a sua forma de transmissão característica é a estabelecida pela espoliação humana por triatomíneos

infectados, que se domicíliam em habitações de baixa qualidade nas zonas rurais. Este ciclo foi alvo de campanhas bem-sucedidas de combate à DC pelo Ministério da Saúde, no entanto a transmissão oral da DC causada pela ingestão de alimentos (caldo de cana, açaí e bacaba) com presença de partes de triatomíneos infectados tem se tornado cada vez mais importante. O entendimento dos fatores envolvidos na epidemiologia dessa mudança no perfil da DC é um passo necessário para a elaboração de políticas públicas para o seu combate. Este trabalho avaliou a evolução epidemiológica da DC, identificou as áreas prioritárias para seu combate e as características da sua transmissão no cenário brasileiro. O Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) armazena as notificações obrigatórias da forma aguda da Doença de Chagas, estes dados foram coletados e interpretados em um estudo descritivo (software Epi Info™ v7.2) e posteriormente usados para a formulação de mapas (software QGIS v2.18) e identificação de *clusters* espaços temporais (software SatScan v9.4.4). Os resultados obtidos revelaram a existência de uma drástica alteração no ciclo da doença e na distribuição dos casos entre as regiões. Até 2006 o tipo de transmissão predominante foi o vetorial, contudo a partir de 2007 a via oral se tornou a principal forma de transmissão, porém a expressividade deste novo ciclo foi subestimada nos anos anteriores, uma vez que a inclusão da opção “oral” no campo “tipo de transmissão” da ficha de notificação somente se deu em 2007. A análise geográfica identificou dois *clusters* espaço-temporais: um no Nordeste brasileiro no período de 2003 a 2006, no qual o número de casos superou em 25 vezes o esperado (Risco relativo, 25,16; $p < 0,01$), e outro na região Norte com um número de casos 3,5 vezes superior ao esperado (Risco relativo, 3,49; $p < 0,01$). A Doença de Chagas, em sua forma de transmissão clássica, foi combatida com sucesso pelo Serviço de Saúde brasileiro principalmente a partir do ano 2003, todavia o estabelecimento de um outro tipo de ciclo epidemiológico, em outra área e com outras características de transmissão, fez que a doença reemergisse. Por fim, na atualidade, há a necessidade de investimentos em novas estratégias que se mostrem tão bem-sucedidas para o combate da transmissão oral quanto as implementadas para a transmissão vetorial da Doença de Chagas.

07 ESTUDO DESCRITIVO DOS ACIDENTES OFÍDICOS REGISTRADOS EM BELO HORIZONTE, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL, NO PERÍODO DE 2007 A 2015

ARCEBISPO, T. L. M.¹; OLIVEIRA, T. M.²; BEGALLI, J. H.¹; MOL, L. P.²; SILVA, M. X.³

¹ Mestre em Ciência Animal da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: arcebispotlm@gmail.com.

² Mestranda em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

³ Docente e doutor em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

Os acidentes ofídicos têm grande relevância nos países tropicais pelo alto número de vítimas e pela gravidade dos casos. No Brasil, há registro de ocorrências em torno de 20 mil casos por ano. Comumente esse tipo de agravo é relacionado às atividades ocupacionais rurais, no entanto Belo Horizonte, uma área extremamente urbanizada, apresenta um número significativo de acidentes por serpentes, o que justifica a investigação epidemiológica dos respectivos fatores de risco. Dessa forma, este trabalho analisou os registros de ocorrências de acidentes ofídicos verificados na capital do estado de Minas Gerais no período compreendido entre os anos de 2007 a 2015 e levantou as variáveis possivelmente associadas a esse agravamento. A investigação consistiu na interpretação dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) com a elaboração de gráficos e tabelas utilizando o software Epi Info™. No referido período, ocorreram 139 acidentes ofídicos em Belo Horizonte com uma média de 15,4 casos por ano. Dentre estes acidentes, 23 (17%) foram causados por serpentes peçonhentas dos gêneros *Bothrops*, *Crotalus* e *Micrurus*, e 18 (13%) foram classificados como moderados ou graves resultando em óbito. A média de casos por mês no período de outubro a abril foi 150% maior que no restante do ano e sua distribuição ao longo dos anos apresentou uma evidente ciclicidade de quatro anos. Do ponto de vista ecológico, tais eventos indicam que Belo Horizonte mantém áreas verdes que permitem a sobrevivência de ofídios, com destaque para as espécies peçonhentas que ocupam um nível trófico superior. Tal fato é um forte indicador de saúde do ecossistema, porém essa prevalência de acidentes cíclica e inalterada ao longo de nove anos aponta para a necessidade da implementação de uma política de prevenção voltada à orientação da população que acessa as áreas de frequente ocorrência de acidentes ofídicos.